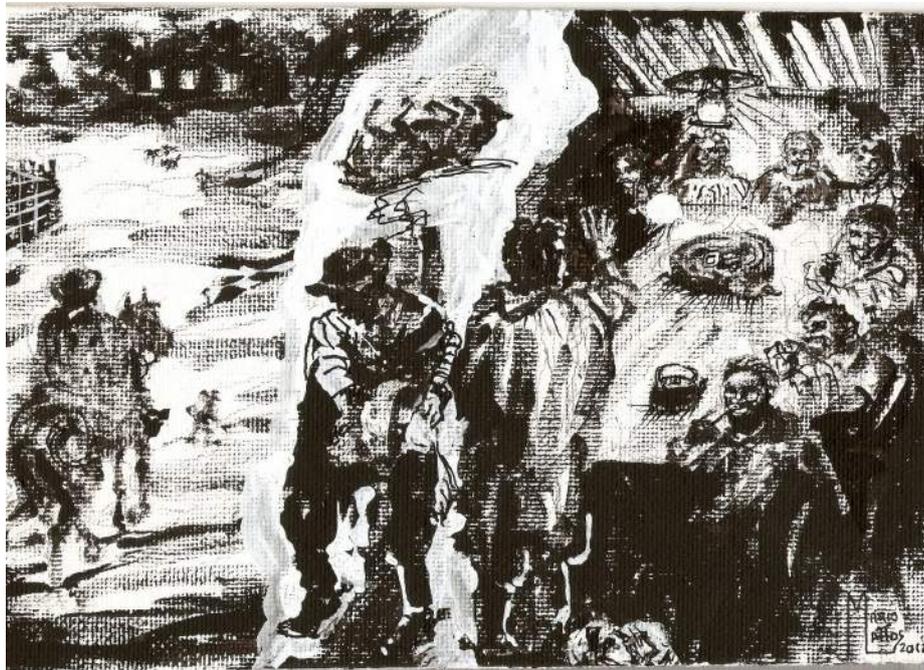


CONTOS
GAUCHESCOS

ILUSTRAÇÕES
MARIO MATTOS



Duêlo de Farrapos

Já um rôr de vezes tenho dito e — provo — que fui ordenança do meu general Bento Gonçalves.

Este cazo que vou contar pegou o começo no fim de 42, no Alegretê e foi acabar num 27 de fevereiro, dai dois anos, nas pontas de Sarandi, p'r'as bandas e já pertinho de Sant'Anna.

Foi assim. Tenho que contar pelo miúdo, p'ra se entender bem. Em agosto de 42, o general, que era o prezidente da Republica Rio Grandense — vancê desculpe... estou velho, mas *intê* hoje, quando falo na Republica dos Farrapos, tiro o meu chapêu !... — o general fez um papel, que chamavam-lhe — decreto — mandando ordens p'r' uma eleição grande, para deputados ; estes taes é que iam combinar as leis novas e cuidar de outras couzas que andavam meio á matroca, por cauza da guerra.

Em setembro houve a eleição ; em outubro já se sabia quem eram os macotas votados, que eram quazi todos os torenas que andavam na coxilha. O jornal do governo deu uma relação delles e dos votos que tiveram, que eu sabia, mas já esqueci.

Por sinal que esse jornal chamava-se — *Americano* — e tinha na frente um versinho que saia sempre escrito e publicado e que era assim, si bem me lembro :

«Pela Patria viver, morrer por ella ;
Guerra fazer ao despotismo insano ;
A virtude seguir, calcar o vicio ;
Eis o dever de um livre Americano».

Em novembro, os deputados, que eram trinta e seis, mas que só se

aprezentaram vinte e dois, juntaram-se em assemblêa ; em dezembro, logo no dia um, foi então a cerimonia principal.

O general foi em pessoa, como prezidente, com a ministrada, os comandantes de corpos e outros tope-tudos, e aí fez uma — Fala — muito sizuda e compassada, que todos escuitaram quietos, só sacudindo a cabeça, como quem dizia que era mesmo como o general estava lendo no escrito.

Uê !... e que pensa vancê ?... Estava tudo na estica, sim senhor : fardas novas, bainhas de espada, alumiando ; redingotes verdes ou azues com botões amarelos, padres com as suas batinas saidinhas ; um estadão ! E familias, muita moçada fachúda, povaréu, e até uma muzica. Eu e o outro ordenança, os dois, muí anchos, de gandela colorada.

Por esse entrementes, no Estado Oriental, andava gangolina grossa entre Oribe e Rivera, que eram os dois que queriam o penacho de mandatudo. Volta e meia as partidas delles se pechavam e sempre havia entrevero...

— Ah ! si vancê visse a indiada daquelle tempo... cada gadelhudo... Ah ! bom !...

Mas, *como quêra*, onde se encontrasse, a nossa gente entropilhava-se bem com a delles. E mesmo era ordem dos sup'riores.

Quando iamos mal da vida, já pelas caronas, nos bandeavamos para o outro lado da linha ; lá se churrasqueava, fazia-se uma volteada de potrada e voltavamos á carga, folheiritos no mais !

O barão Caxias, que era o maior dos caramurús, mordida-se com estas gâuchadas.

Mas tanto Oribe como Rivera nos



codilhavam quando podiam, porquanto faziam tambem suas fosquinhas aos legaes... apertavam o laço p'ra nós, mas afrouxavam a ilhapa p'ra elles...

Vancê entende?... Pau de dois bicos !...

— Mas, vá vancê escuitando.

Rabo de saia é sempre precipicio p'ros homens...

Não vá vancê cuidar que no cazo andou mulher botando fungú no coração de ninguem, não, senhor ; a couza foi muito outra, de alarifaje...

Naquelle novembro de 42, quando os deputados foram-se ajuntando, de um a um, vindos de todos os rumos da provincia da Republica e havia na vila do Alegrete movimento de comitivas e piquetes, um dia, já á boquinha da noite, chegou uma carreta de campanha, mui bem toldada, com boiada gorda, e escoltada por um acompanhamento grande, de gente bem montada e armada.

181 Chegou o combói e parou em meio da praça ; e logo o que vinha de vaqueano cortou-se e foi apresentar o pa-se e outros papeis ; e foi dizendo que a pessoa que vinha na carreta era uma senhora dona viuva, que trazia officio p'ra o governo e que era sobre uns gados que haviam sido arrebanhados e cavalhadas, e prejuizos e tal, e mais uma conversa por este teor e com mais voltas que um laço grande enrodilhado...

Foi isso o que correu logo no repente da curiosidade.

Papeis foram que a tal dona trazia, que logo o general mandou chamar os deputados e os ministros e depois se trancaram todos numa sala grande ; e depois despachou um capitão para ir buscar a figurona.

E ella veio ; e mal que chegou o general veio á porta, fez um rapa-pé rasgado e foi com ella p'ra tal sala

oude estavam os outros.

Si era linda a beldade !. Sim, senhor, dum gåncho de gosto alçar na garupa e depois jurar que era Deus na terra !...

E destorcida, e bem falante ; e olhava p'ra gente, como o sol olha p'ra agua ; atravessando !

Dentro da sala, fechada, ia um vozerio dos homens ; depois serenava ; parece que elles estavam mussitando ; e a voz da dona repinicava, hablando un castellano de mi flor !

182 Lá pelas tantas levantaram o ajuntamento ; o mesmo capitão foi levar a dona. E de manhã, nem carreta, nem boiada nem comitiva apareceram mais.

Depois é que vim ao conhecimento que aquella figurona tinha vindo de emissaria.

Rivera era mais valente ; Oribe era mais sôrro ; mas, os dois, matreirões !...

Agora, qual dos dois, p'ra disfarçar dos caramurús o chasque, mandou, em vez dum homem aquella vivaracha, qual dos dois foi, não pude sondar.

Era assunto encapotado...

Depois desse dia começou a haver um zum-zum mui manhoso contra o general.

Não sei si era inveja, ou intrigas ou queixas ou ganas que alguns lhe tinham. As couzas foram-se parando embrulhadas na tal assemblea e uma feita, não sei porque chicos pleitos o general e o coronel Onofre Pires tiveram um dezaguizado ; o general deu as costas, num pouco cazo e o coronel saiu, num rompante, batendo forte os saltos dos botias.

183 Em 43 houve outra arrancada braba, foi quando mataram um Paulino Fontoura, que era um pezado. Houve outro batebarbas entre o general e o coronel Onofre, que era



mui esquentado e cosquilhozo.

Mas logo os chefes todos se desparramaram, porque o barão Caxias andava na estrada, levantando polva-deira.

E brigou-se !

Em S. Gabriel, na Vacaria, em Ponche-Verde, no Rincão dos Touros. O governo tinha saído do Alegrete e estava outra vez em Piratinim ; ai por perto peleou se, e no Arroio Grande, em Jaguarão, nas Missões, sobre o Quaraim, em Cangussú, em Pae Passo.

Que ano que bebeu sangue, esse!

E quando o exercito se amontoou todo, p'ra lá do Ibicuí e depois foi estendendo marcha, houve um conselho grande de officiaes; e af se falou outra vez na emissaria, a fulana, aquella da carreta, no Alegrete. Ai, então, os dois galões largos se contrapontearam outra vez.

A gente como eu é bicho bruto e os graúdos não dam confiança de explicar as couzas, por isso é que eu não sei muitas dellas : tenencia não me faltava ; mas como é que eu ia saber as de a dentro dos segredos ?..

184 — Já sobre o Garupá — vancê não conhece ? sam os campos mais bonitos do mundo ! — ai os homens se cartearam.

Então ja era o ano 44.

O coronel escreveu barbaridades ; o general respondeu com aquelle geito delle, sizudo.

E quando foi no dia 27 de fevereiro o general me chamou e mandou que eu fosse levando pela redea, para a restinga, os dois cavalos que estavam atados debaixo dum espini-lho ; era um picaço grande e um colorado.

Fui andando ; lá lonje ia decendo um vulto, atraz de mim vinha outro.

E devagarinho, como quem vai

mui descansado da sua vida, os dois.

Ah ! esqueci de dizer a vancê que atravessada de baixo da sobre-silha de cada flete, vinha uma espada.

Reparando, vi que as duas eram iguaes, de copo fechado e folha grande, das espadas de roca, que só mesmo pulso de homem podia florear.

E quando parei e os dois vultos se chegaram, conheci que eram o meu general e o coronel Onofre.

E dezarmados, chê !..

185 — Mas como chegaram, cada um despiu a farda, que botou em cima dos pelegos e dezembainhou a espada que vinha.

O colorado era do coronel ; o picaço, do general.

Então o general deu ordem.

— Espera af, com os cavalos !

E o coronel tambem :

— Bombea ; si chegar alguem, assobia !

E rodearam a restinga, para o outro lado.

Então é que entendi a marosea : elles iam tirar uma tóra, dessas que não se tira duas vezes entre os mesmos ferros...

Maneci os mancarrões e com um olho no padre, outro na missa, por entre as ramos da restinga, fui espiar a pelea.

Estavam já, frente a frente, de corpo quadrado.

O sol dava a meio, para os dois.

O general Bento Gonçalves era sacudido no jogo da espada preta ; meneava o ferro, que chispava na luz, como uma fita de espelho ; o coronel Onofre parava os botes e respondia no tempo, mas com tanta força que a espada assobiava no coriscar.

186 — Nisto e general pulou p'ra traz, fincou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despre-gara.

O coronel encruzou os braços, e a espada delle ficou dependurada da



mão, como dum prégo.

P'ra um que quizesse aproveitar... Mas qual... aquelles não eram gente disso, não !

E cruzaram, de novo. Em cima da minha cabeça um sabiá pegou a cantar... e era tão desconchavado aquelle canto que chora no coração da gente, com aquelles talhos que cortavam o ar, que eu, que já tinha lanchado muito cristão caramurú, eu mesmo, fiquei, sem saber como, com os olhos nos peleadores, os ouvidos no sabiá, mas o pensamento andejando... nos pagos, no meu padrinho, no Jezu-Cristo do oratorio da minha mãe...

Os ferros iam tinindo. E nisto, o coronel deu um — ah ! — furioso, caiu-lhe da mão a espada... e a sangueira coloreou pelo braço abaixo, dezarmado, entregue !...

P'ra um que quizesse aproveitar... Mas qual ! aquelles não eram gente disso, não !

187 O general tornou a cravar a espada na terra e veio ao ferido com bom geito.

Pegou o braço, vio o ferimento ; e com um lenço grande que levantou do chão, do lado do chapéu, atilhou o talho, para estencar o sangue.

O outro, calado, nem gemia.

Depois o general tornou a pegar da espada, fez uma inclinação de cabeça ao coronel e caminhou p'ra cá...

Foi o quanto eu me atirei p'ra traz e me acoc'nei perto dos cavalos.

Vestiu a farda, embainhou a espada e montou. Então me disse :

— Agora vem gente, que eu vou mardar. Não te movas daí, antes...

E deu de redea, a galopito, para o acampamento.

E no silencio que ficou, só ficou balançando no ar o canto do sabiá, na restinga : do outro lado, o sangue do coronel, pingando nos capins ; deste lado, eu, sabendo, mas não podendo me intromer...

— Agora veja vancê si não foi mesmo o fungú daquella tal dona — emissaria dum dos dois serros castelhanos — que veio transtornar tanta amizade dos farrapos ?..

188 Ella só não pôde foi mudar o preceito de honra delles : brigavam, de morte, mas como guascas de lei : leaes, sempre !

Pois não viu, naquellas duas vezes ?... P'ra um que quizesse aproveitar...

E creia vancê, que lhe rezei este roزاری sem falha duma conta, apesar de já sentir a memoria mais esburacada que poncho de calavêra... Pois faz tanto ano !...

PENAR DE VELHOS

por Mário Mattos

ENTREVISTA: Carlos Ossanes
PERGUNTAS: Ana Luiza Nunes Almeida

1. Como o universo gaúcho é representado no conto?

a) pela paisagem física – a estância do velho Cruz, com seus prédios e artefatos, situada no Pampa (na campanha) rio-grandense, com suas coxilhas, banhados, arroios e restingas de mato, mais a sua fauna de passarinhos, emas, etc. e animais domésticos simbolizados no cavalo Picaço, Nessa paisagem, por coerência lógica, pode-se subentender ainda a existência de cachorrada campeira, suínos de chiqueiro ou soltos, aves de terreiro, vacas leiteiras, bois mansos lavradores, gado de cria, novilhos invernados, ovelhas, eguadas de cria e cavallhada de serviço;

b) pela paisagem humana - os três personagens da família Cruz, mais (subentendidos) escravos - peões campeiros, famílias de agregados e/ou posteiros, bem como a periferia de pobres excluídos;

c) pela época provável – Final do século 19, lá por 1876 – antes da República e da guerra civil de 1893 – (Dado extraído do Ensaio de biografia ficcional de Blau Nunes, montagem feita por nós com base em observações de Flávio Loureiro Chaves (Vide Garimpando no mundo das Trezentas Onças, Mário Mattos, Pelotas, EDUCAT, 2007, págs.. 118 a 120.

Nessa época de transição - da comunidade para a exploração planejada e da magia para a religião – a estância do velho Cruz equipara-se, como símbolo de atraso, às muitas propriedades até hoje ainda resistem ao modernismo - este no conto, representado apenas pela intromissão do padre gringo.

2. O conto “Penar de Velhos” apresenta personagens tipicamente gaúchas, as quais possuem particularidades regionais, como, por exemplo, o apego ao cavalo. No entanto, João Simões Lopes Neto introduz outra característica – o amor soberano ao filho – que sobrepõe-se à anterior. A partir da análise destas características, comparando a sua relevância no conto, poderíamos concluir que o universalismo ultrapassa o regionalismo na narrativa simoniana?

Parece-nos que a pergunta não reflete a relação de valores no conto:

Não temos elementos para afirmar que o fato do velho Cruz ficar **buzina** com a morte do picaço, se deva ao tradicional amor do gaúcho pelo cavalo. Mas sim provavelmente por sentir-se ferido em seu amor próprio de patriarca e mandachuva da estância - sentimentos ainda mais exagerados por ser o animal obtido por presente de outro estancieiro. A perda assim atingia também seu status corporativo. Velho Cruz, no seu normal podia ser um liberal boa praça. Culturalmente porém, faltou-lhe maturidade e humildade para colocar a autoestima acima do amor próprio, abrindo mão dos falsos valores. (e sobrou-lhe a teatralização da ira do grão-senhor). Se a mulher não estivesse ocupada pelos fundos da casa – se estivesse na cena – o mais provável é que a sua intervenção mediadora moderasse a reação do pai. Sem freio, esta reação foi precipitada e desastrada. Não priorizou o **amor** na educação de seu **filho único**. Ante a surpresa da falta cometida (e honestamente reconhecida) pelo pequeno Binga, o que prevaleceu na “pedagogia” daquele velho inculto e despreparado, foi o afloramento inercial de sua herança cultural autoritária, automatizada atávica e acriticamente no próprio subconsciente. Seu gesto, humilhante de levantar o relho para bater no menino diante de todos os serviços não previu o brio – o amor próprio nascente – do homem gaúcho já existente na alma de quem aos doze anos já aprendera a amar a liberdade e que não suportaria agressão à sua inte-

gridade (identidade pessoal). Naquele momento e a partir daí, o velho Cruz percebe, na crueza da dor, que cairá num enorme erro de avaliação – o maior erro de sua vida. Seu tesouro maior – o filho e não o cavalo, para ele mero objeto de luxo - estava perdido - e desta vez para sempre.

Notas:

1)este tipo de pedagogia paterna autoritária foi e ainda é muito comum no RS, no Brasil e no mundo inteiro, produzindo histórias de homens sofridos que se fizeram por si mesmos.

2) É do após guerra o erro inverso, dos pais que caem do outro lado, na indulgência sem limites para com suas crianças. Filhos narcisistas, com a psicologia de Pequenos Príncipes, não suportam frustrações e em alguns casos podem virar monstros).

3) Por sua verossimilhança geográfica, histórica e pela verdade psicológica das personagens, o regional simoniano identifica-se ao universal, por uma essência comum. (Vide Anais do II Seminário de Estudos Simonianos / Mário Barboza de Mattos et AL – Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Ed. Universitária, 2001, pag. 129, item 1º.)

3. Outra característica marcante neste conto é o forte tom melancólico que o acompanha desde o desaparecimento de Binga, sendo que a tristeza que acomete seus pais culmina na sua morte. Entretanto, antes de morrer, o patriarca deixa toda a sua herança para a Igreja, causando espanto em todos. Qual o significado deste episódio, visto que o seu sofrimento após o sumiço foi notório e não havia evidências da morte de seu herdeiro legítimo (Binga)?

Na narrativa de Penar de Velhos, a sugestão de invocar a legitimidade dos direitos de Binga, seria viável dado o estado de espírito do velho Cruz?

a) No universo da propriedade rural gaúcha tradicional, nem sempre as leis do país são levadas em conta. Da porteira para dentro, em muitos casos é o dono que traça as regras, antes e acima do direito de família. A intervenção do advogado, os inventários, etc. - é sempre lenta e tardia; e implica na iniciativa dos prejudicados mais corajosos, enfrentando preconceitos corporativos.

b) Numa visão menos ingênua e mais verossímil, será lícito imaginar que o velho Cruz, viúvo, sentindo-se às portas da morte e refém de sua culpa pecaminosa, não passava de um farrapo humano fragilizado e indeciso, fácil de atemorizar com a imagem do Inferno por um esperto abutre como o padre gringo, para extorquir-lhe a doação de seus bens para a paróquia que ele provavelmente manipulava em causa própria - usurpando e frustrando as legítimas expectativas dos numerosos afilhados pobres, apadrinhados pelo casal, quando a mãe de Binga ainda vivia.

Notas:

1) **ABUTRISMO NOTÓRIO**- Nos anos 40 a 50 do século passado, morando em Porto Alegre, tomei conhecimento, de que um ilustre advogado, A.M.C, havia enriquecido nos inventários de viúvas, induzidas a doar os bens para a Igreja. Corria nos meios universitários e na população o boato de que o palacete por ele construído na capital teria o apelido de “Palácio das Lágrimas”, por ser notório fruto das lágrimas das viúvas.

2) **FALHAS NA JUSTIÇA TRADICIONAL DO RS** - Na década de 80, foi campeão de vendas na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro “Por que Acredito em Lobisomem,” do advogado-escritor, Serafim Machado, denunciando as deformações da justiça gaúcha de então - coniventes com aberrações similares (protegendo e abafando escândalos latifundiários em autos de inventário). (ainda hoje à venda pela Internet)

c) O mistério do desaparecimento de Binga Cruz é um desafio à imaginação dos leitores. Redija você, Leitor, numa releitura de Penar de Velhos, a sua própria versão do destino de Binga Cruz - coloque-o na História, em coerência com as narrativas de Blau e

Penar de velhos

— Conheci, sim, sr., o Binga Cruz, desde assimzinho...

Guri levado da casqueira !...

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho... Andaria nos doze anos, Filho unico.

O pai delle, o velho, recebeu de regalo um bagual picaço sãozito das quatro patas, sem uma basteira ; e de redea, um pensamento. E era mesmo para o andar delle.

Pois, amigo, si lhe conto !...

Um dia, dezembro, sol de rachar, com trovoadas armadas, andava o guri ninhando numas restingas que havia sobre o fundo da roça, por detraz das cazas. O chapéu estava já abarrotado de ovos de tico-tico, de alma de gato, de corruiras, canarinhos, sabiás... ; era um entreveiro bonito de cores e feitios diferentes.

De calcita arregaçada, mui espiñado nas canelas e nos braços, o rosto vermelho e a cabeça ardendo, o diabinho ainda gateava um ninho de tezouras, quando, do outro lado da cerca ouviu o assobio das avestruzes, pastando.

Ouviu, e fura aqui, fura ali, varou a cerca para dar fé, bem á sua vontade.

Entre a roça e um braço de banhado, que havia, formava-se uma rinconada mui boa para volteada : e foi nisso que o guri pensou. As avestruzes seriam umas oito e uma tropilha de filhotes, já emplumaditos.

Não se conteve, o miúdo : pulou para o lado de fóra, perto da bandada, e já correu sobre ella, de braços

abertos, aos pulos, aos gritos : os bichos se arrolharam, assustados, mas logo o macho do bando ponteou para o rincão e tudo acompanhou.

Era o que o guri esperava mesmo : elle queria, de por força, pegar uma, viva ; mas só laçando...

Foi quando lhe coriscou na ideia bancar-se no bagual picaço, do velho...

Si estava tão delgado e lindo... aquillo seria só amagar o corpo, chupar no beico e rebolear o laço... Nem era tento ! Num — vá ! — era avestruz a cabresto !

E correndo para o galpão, enfrenou o piugo, atirou-lhe um pelego no lombo, passou a mão no seu lacito e se foi a arriba !

Espiou para os lados e mui de manso, a passo, saiu, sobre a cacimba, a encobrir-se numa reboleira de chorões, que fazia uma sombra fresca, onde as galinhas se rebolevavam, arripiando as penas, assoleadas.

Mas tudo isto levou seu tempo, de maneira que quando elle chegou ao rincão já as avestruzes haviam-se atirado no banhado e bandeado ; apenas, por descuidada ou mais esfomeada, apenas uma se deixou ficar e agora não atinava com a passagem, e quando o Binga gineteando, deu em cima della, então é que o bicho ficou mesmo atarantado, e começou a gambetear zozzo, na enrascada.

O guri se esqueceu do mundo !

Tocava o picaço em cima do nhandú e atirava o laço... o bicho negaceava, e o laçador errava o tiro... E vá outro, e outro... mas errando sempre, só de apurado !

Mas nisto o nhandú deu com a boca do rincão, viu o campo largo, e fazendo umas gambetas fortes, espar-

com seu conhecimento da história de nosso Estado, dentro de pelo menos 4 alternativas:

1. Esquece os pais? Improvável, pois só um caráter amorfo pode desdenhar o carinho da mãe;
2. Lembra os pais, sofre e tem momentos de pranto, Mas algo mais forte o impede de voltar;
3. Depois de sofrer e amadurecer , quer voltar, mas é tarde demais;
4. Morre, antes de resolver voltar.

Nota:

Vide "Qual foi o destino de Binga Cruz?", no livro de Mário Matos Contos Tropeiros e Outras Narrativas , pag. 112, Editora Fi, lançado e distribuído pela Livraria Vanguarda na 42ª Feira do Livro de Pelotas, 2014.

4. As narrativas que compõem os "Contos Gauchescos" apresentam elementos trágicos e dramáticos, geralmente abordando grandes batalhas travadas em território gaúcho. Entretanto, "Penar de Velhos" vai na contramão da maioria, visto que exhibe um enredo linear e pouco relevante para a história sul-riograndense. Na sua opinião, qual a relevância deste conto para o contexto geral do livro?

A relevância do conto para o contexto geral do livro destaca-se pela originalidade, justamente em sua pré-modernidade – não em preservar, mas em contestar – uma tradição pedagógica negativa do RGS, do Brasil e do Mundo.

a) Realmente a temática do conto não segue a linha épica do gaúcho guerreiro defensor de nossas fronteiras. Se não é relevante para a história militar, não deixa de sê-lo para a história educacional. E confirma o pré-modernismo de Simões Lopes quando não preserva, mas ao contrário, **contesta** uma tradição negativa – a educação pelo castigo físico.

b) No passado do Rio Grande, quando a maioria das famílias residiam no campo, a educação dos filhos comportava por assim dizer, uma divisão do trabalho. O pai, quase sempre ocupado no trabalho externo, jogava a maior carga educativa para a mãe, escrava do lar. Esta geralmente procurava suprir o inevitável despreparo pedagógico com as improvisações do amor indulgente. E, quando superada pelas desobediências das crianças, é que recorria ao pai., que deveria representar o amor exigente.. Este, por absoluto desconhecimento pedagógico, convivendo com o regime patriarcal e a vigência da escravidão negra, praticava com os filhos a autoridade pela distância, e, nos extremos, o castigo físico – a cinta, o relho ou a vara de marmelo. O mestre-escola, quando o havia, também consagrava a mesma tradição, com a famosa palmatória e outros castigos humilhantes

c) Eu mesmo, recordo haver apanhado 2 surras, aos 2 e aos 6 anos (ambas injustas e míopes, mas bem intencionadas), de meu querido e saudoso pai, então um profissional liberal em Pelotas, ex-capitão-guerreiro das forças de Zeca Neto, saído de família de estancieiros em Canguçu e que aos 55 anos, voltou a adquirir terras por compra e por herança. Com toda probabilidade também, João Simões Lopes Neto, quando pequeno, deve ter tomado seus "corretivos", do pai Catão Bonifácio Simões Lopes. Embora pudesse até ter sofrido injustiças, não deixou de amar o pai, seu ídolo, a quem dedicou com saudade os Contos Gauchescos. O amor permaneceu, não por que as surras fossem certas, mas porque compensadas pela maioria das demonstrações de amor e proteção, mais tarde confirmadas na amizade madura e duradoura.

d) A paixão quase obsessiva de Simões em vida pela atividade educativa, atestada pelas suas palestras e conferências, pelos livros como Terra Gaúcha e Artinha de Leitura, - deve tê-lo inspirado a transformar em Arte, nas metáforas poéticas de Penar de Velhos, a sua inconformidade com a incivilizada pedagogia dos castigos físicos. Em Penar de Velhos, os momentos vivifican-

tes aparecem na épica travessura do menino Binga, enquanto a longa e penosa agonia dos velhos pais é feita quase toda de momentos mortificantes. Mesmo assim, é de encantadora poesia o episódio do enterro da velhita que, mesmo vítima inocente do erro do marido; e sofrendo a tortura da saudade do filho pequeno desaparecido, nunca perdeu a virtude da hospitalidade e da solidariedade, merecendo aquela demonstração pura e sincera de gratidão da comunidade pobre.

5. Como literatura e história se articulam neste conto? De alguma forma ele auxilia na preservação da história do Rio Grande do Sul? Como?

Não se trata de "preservar" a História do Rio Grande dos Sul, mas antes de tudo vê-la com espírito crítico numa leitura moderna e aproveitar suas lições:

Lembremos a lição de Walter Benjamin - a História tem de ser lida "a contrapelo". Daí que Simões, para denunciar os erros e consequências da educação gaúcha tradicional, cria na sua arte uma situação-limite de seus personagens, que não deixa de ser fruto de sua experiência vivencial. O valor da Literatura realista na comunicação, é que a sua matéria prima informativa não é acadêmica, compõe-se das vivências (emoções) humanas, capazes de produzir conhecimentos inesquecíveis.

Notas:

1) Atuando como agrimensor nos anos 40, em São Lourenço e Encruzilhada do Sul, conheci um pai já viúvo, R.R., que tratava os filhos, mesmo depois de homens feitos, como escravos. Dos três filhos, os dois mais velhos reagiram saindo de casa. O terceiro, entretanto, humilhado pelo pai - que chegava ao ponto de obrigá-lo a lavar-lhe os pés, - caiu em profunda depressão. Depois de tentativas frustradas, conseguiu suicidar-se com um tiro na cabeça. De propósito havia se debruçado na beira do poço para tombar dentro do mesmo..

2) Outro filho que saiu de casa foi um cunhado e primo meu, F.M., que vive e reside hoje em Porto Alegre casado e pai de dois filhos, também já casados. No tempo de sua adolescência, até por mudar de voz era alvo de implicância dopai.. Terminou fugindo de casa ;entrando no quartel ,fez-se homem e venceu na vida. Nunca voltou a ver o pai até sua morte, não por ódio, mas por constrangimento mútuo. Seu pai era um pequeno fazendeiro, inteligente, sensato e sofrido, pessoa dada à leitura. Nada disso o impediu de projetar suas inseguranças e seu atavismo no filho mais novo. Aqueles tempos, bem mais recentes que os de Penar de Velhos, ainda eram tempos difíceis...

6. Como o regional e o universal dialogam neste conto? As manifestações de amor representadas nele (pelo animal e pelo filho) auxiliam na compreensão deste diálogo?

A filosofia dialética ensina que "o particular contém o geral. No Rio Grande do conto Penar de Velhos, ainda era amplamente vigente a tradição "pedagógica" dos castigos físicos. Na época, os "castigos pedagógicos" também eram tradição comum a todo o mundo civilizado. O regional, pois, refletia o universal. O geral estava presente na essência do particular.

a) Assim sendo, o conto Penar de Velhos contribui para a modernização da educação, ao propor um novo olhar para as relações entre educadores e educandos.

Nota: Sabe-se que no Japão desde cedo as crianças são tratadas e respeitadas como adultos. Não obstante, as pressões competitivas e respectivas cobranças têm causado suicídios entre estudantes. Tais exageros da educação japonesa indicam que a sua meta não é a **felicidade humana**, mas a conquista da supremacia, na ascensão social, entre nós conhecida como a famigerada Lei de Gerson – levar vantagem em tudo...

ramando as azas, por fim aprumou o corpo e cravou a unha, num trotão galopeado, de comer quadras !...

Mas o rapazinho estava encanzinado : levantou o picaço no freio e bateu de atraz !

Amigo ! Que disparada ! Por tacurúzaes e buracama de tuco-tuco, por cima das panelas de carangueijo, por lançantes de coxilhas e moles das canhadas, salvando sangas e arrancando no barral das lagôas, tudo era varzea liza para aquella alminha de gäucho !

Despistada pela perseguição, a avestruz corria atôa. Corria. Depois foi mermando ; e foi afrouxando, até que se enredou numas macegas e caiu numa cova de touro. E conforme caiu, já o guri estava-lhe em cima, atracado com ella, passando-lhe o laço, mancando-a, vencedor, afinal !

E respirou, aliviado ; olhou o campo, silencioso, viu a caza lá lonje, branqueando no verde do arvoredó.

193 [Como diabo ia elle levar a caça, aquella ?... E quando estava botando as suas contas, o nhandú deu em patear, a sé revirar todo e mal apanhou livre uma perna, priscou e se foi á la cria, deixando o caçador no ora veja !...

Aí o Binga fez um geito de choro de raiva, e mui desconsolado montou de novamente.

E voltou para caza, a passo, porque o picaço vinha meio estaqueado, de quartos duros.

Com mil cuidados, aproveitando ainda a hora da sesta tornou a meter o flete no galpão e mui concho da sua vida foi para dentro, pedir á mãe — uma santa senhora, aquella dona ! — pedir uma tijela de coalhada, p'ra refrescar.

Na manhã seguinte o picaço apa-

receu esticado na estribaria : derreteu a graixa dos rins ; morreu arreganhado.

O velho ficou buzina !... Quem, foi, quem não foi... ; afinal o proprio Binga, meio de orelha murcha mas decidido, relatou a criançada, tim-tim por tim-tim.

194 [Ai o velho andou mal... ali no mais, á vista da peonada, quiz sovar o filho... e quando o guri viu o rabo de tatú no ar... quebrou o corpo, disparou e de vereda encarapitou-se num matungo que estava de piquete, ensilhado, e abriu campo fóra, sem rumo certo, ao Deus dará... Debalde o velho gritou-lhe — Pára ai, menino ! Pára ai, menino !

Qual ! No peito do gäuchinho não cabia a vergonha daquelle guascaço do rabo de tatú, que caia-lhe em cima, si elle não foje...

A sia dona não viu nada deste passo ; andava lá p'ra dentro, nos seus arranjos.

Passou o tempo.

Nunca mais houve noticias do menino.

Campeou-se pelo vizindario, saíram chasques a varios ramos e... nada !

O velho foi descuidando das lavouras ; já não ia ao rodeio nem montava a cavallo ; nas marcações ficava na porteira da mangueira, calado ; pitava muito e passava os dias passeiando na quinta, na rua das laranjeiras, de chapeu nos olhos e de mãos atráz das costas.

195 [A peonada já nem podia arranhar nas violas, porque o velho se enquizilava e mandava logo um piazito dizer lá fora que não queria bochinhas em caza.

Outras vezes dava-lhe para arranjar alguma trança ; prenha a lonca e

b) Na resposta à Questão n. 2, item b, já sugerimos a relativização do "amor ao cavalo" como suposto móvel da explosão de cólera do velho Cruz. É provável que na ocasião do conto, o estancieiro Cruz já não comparecesse mais às lides campeiras, delegando-as aos serviçais. É também lícito imaginar-se que no máximo, o estancieiro acomodado se limitasse a pequenos passeios no Picaço - visitas a amigos, ida a carreiras, etc. Pelo que se deduz, a forma física do Picaço era de um animal semi-ocioso, sub-utilizado. Assim sendo, a imagem afetiva do cavalo para o velho Cruz, não seria mais aquela de um fiel companheiro de épicas batalhas ou de memoráveis façanhas campeiras, mas tão somente de um objeto de estimação, uma prova simbólica da amizade e estima dada a ele por outro estancieiro seu colega e amigo. A beleza e o brilho da estampa do animal era outro símbolo exterior de status. Todos esses requisitos simbólicos - totalmente incompreensíveis para o garoto, ainda com a ideia abstrata de símbolo em formação incompleta na mente - não teriam força em Binga para fazê-lo recuar no uso do "cavalo do pai". Nem tinha ele experiência campeira suficiente para prever a vulnerabilidade física do animal de cocheira destreinado (Um "compositor" de parceiros o teria desaguardado e adelgado com suadouros seguidos de banhos diários para queima gradual das gorduras e enxugamento da água dos tecidos, Os exercícios diários seriam também resultantes em flexibilização muscular. Tais são as condições indispensáveis para um cavalo mantido preso poder resistir aos esforços violentos - coisa que o animal "pegado do campo" curiosamente suporta sem maiores crises físicas.).

c) Vemos portanto que, em termos pedagógicos, não há como falar-se no conto, em um diálogo entre o regional e o universal. Ambos os aspetos se igualam justamente na falta de diálogo entre o pai e o filho, Ambos partiam de visões diferentes e inconciliáveis na distância recíproca - como já descrito no item anterior.

7. A temática central dos contos simonianos gira em torno da violência, ligada às ações dos homens. Em "Penar de Velhos", esse assunto é abordado quando o patriarca, na perda do cavalo, provocada pelo seu filho, decide puni-lo violentamente, sendo esta uma atitude normal dentro do contexto no qual as personagens estavam inseridas. Podemos entender que a crítica social de Simões Lopes, neste conto especificamente, está relacionada à naturalidade que a violência era tratada no meio rural?

Seria simplismo ligarmos a pedagogia dos castigos físicos somente aos hábitos das matanças de gado herdadas desde o tempo da "courama". Há que levar-se em conta também o estilo autoritário das lideranças nas guerras de independência na América e nos países da Europa, o mandonismo dos senhores de escravos e as hierarquias burguesas na cidade e no campo, de viés patriarcal, como o coronelismo no império e república. Tudo isso também contribuiu para gerar nas famílias e escolas, estruturas autoritárias.

Nota:

Em 1951, tempo do cinema preto e branco, o filme **Milagre em Milão**, obra prima de Vittorio de Sica apresenta a cena em que o menino órfão criado pela avó é flagrado pela velhinha no momento em que, desastrosamente deixa cair no chão a garrafa do leite. O líquido se espalha numa mancha branca comprida no chão escuro. O que faz a velhita? Sorriando, pega a mão do atemorizado menino e o conduz a pular por cima da faixa de leite, como a brincar de amarelinha ou dançar uma chula. Essa cena vivificante inesquecível, que coincidia na Arte com o despertar democrático da humanidade do após segunda guerra mundial, marcava para mim o início do fim das pedagogias truculentas.

08. Quais outros aspectos permitem que notemos a crítica simoniana?

A crítica simoneana manifesta-se em vários outros dos contos gauchescos, notadamente em Trezentas Onças (a hipótese de Blau Nunes ser julgado ladrão por ser pobre) o **Negro Bonifácio** (a falsa identidade construída copiando o autoritarismo castilhistas, com lastro na valentia de tauras) **Os cabelos da China** (o castigo -vingança do pai, criando um feitiço contra a filha que não pôde educar) **No Manantial** (a falta de limites do Chicão, por viver xucro como animal desajustado da comunidade) **Contrabandista** (a indulgência de Jango Jorge ao capricho consumista da filha), etc, etc.

09. É possível entender a rebeldia de Binga como uma subversão à construção identitária imposta pelo meio social ao qual a personagem está inserida?

A rebeldia de Binga não é uma "subversão identitária" - é fruto da própria formação espontânea da identidade gaúcha libertária no meio ambiente pampiano. Por isso - como tudo o mais que faz da juventude uma camada revolucionária na sociedade - subverte os falsos valores anticomunitários, posições na tradição.

10. Na sua opinião, qual é a importância do narrador - Blau Nunes - neste conto específico?

Blau Nunes, o narrador, exerce no conto o papel de "eu testemunha", oculto e onisciente. Contudo apresenta os fatos do ponto de vista da comunidade, em tom compassivo e solidário.

Teve um fim que nunca se soube...Pobrezinho!...Tudo era várzea lisa para aquela alminha de gaúcho!....Aí o velho andou mal...Qual! No peito do gauchinho não cabia a vergonha daquele guascaço do rabo-de-tatu, que caía-lhe em cima, se ele não foge...E sempre buenaça; mal chegava um andante, mandava logo um piá levar-lhe um mate...E não havia hospede que tivesse comido daquela mesa ou dormido naquele teto, que não desejasse ser ele que pudesse um dia topar o guri desguardado e trazê-lo para o colo que esperava sempre e ..Pois desde a estância até o cemitério.. - umas quantas léguas - o caixão veio sempre à mão... Aí vi mais de um gaúcho colmilhudo manoteando nas lágrimas que dos olhos lhes caíam, grandes e claras, como as gotas d'água que caem do cartucho dos caetés.. Nem um tambeiro saiu para um afilhado!...Eu desejava que ele aparecesse só por causa do padre gringo!...Que sumanta o guri lhe não havia de encostar!...E por Deus e um patacão!...Eu dava as guascas e ainda ajudava a atar!...Ora se não!...

COMENTÁRIO FINAL DO ENTREVISTADO

No conto *Penar de Velhos*, verifica-se a atuação de duas forças "modernas" desestabilizadoras da tradição: a) a juventude de Binga, inconformada com velhos falsos valores; b) a ação "abutreira" do padre gringo, distorcendo os bons valores tradicionais.

começava a tirar os tentos... e de repente parava, suspirava... e torcia a mão, cortando ou fazendo entradas no couro, e afinal picava tudo e não fazia nada, nem um botão, nem um passador qualquer, de cacaracá...

Ou ficava horas e horas, com os olhos perdidos naquelles descampados... olhando, olhando sempre, mas sem ver nada... nem as pontas de gado nem os mesmos andantes, que as vezes chegavam, pedindo pouzada...

A velhita, essa, então, dava lastima a gente se fixar nella...

Não se viu, nunca mais, aquella senhora dona. Chorar, eu não vi: mas devia de chorar muito, porque quando vinha p'ra meza servir os *hospe's*, trazia sempre os olhos vermelhos e algo inchados,

196
Ajuntou num canto da sala todas as couzas do Binga: os aperos, o laço; umas tamanquinhas já gastas; um carretão de brinquedo, enfiadas de ovos, uma chuspa cheia de pelotas de barro, argolas e ossinhos de mocotós; enfim não sei quantas mais bobajes de criança... mas que tocavam no coração quando a gente pensava que o doninho andava por esse mundo, de gauderio e teatino... como cachorro chimarrão, comido de esmola algum soquete ordinario e tinindo de frio, sem ao menos um bichará esburacado...

E sempre buenaça: mal chegava um andante, mandava logo um piá levar-lhe um mate, e ainda, á noite, agua para os pés; e de manhã, quando a gente ia agradecer a pouzada, lá vinha um naco de queijo ou meia vara de linguiça, para fiambre e outro amargo, p'ra o estribo..

Quem sabia do cazo até nem falava nelle... era tão penarozo o sofrer daquelles velhos, que não diziam

nada, que a gente entendia tudo...

E não havia *hospe* que tivesse comido daquella meza ou dormido naquelle tétó, que não dezejasse ser elle que pudesse um dia topar o guri desguaritado e trazel-o, para o colo que esperava sempre e que rezava sempre ao Nosso Senhor Jezus Cristo, que, sendo Deus, morreu perto da sua mãe...

A velhita finou-se primeiro, e de pura pena foi, por certo.

197
O vizindario em pezo acudiu ao velorio; o enterro se fez na vila.

Pois desde a estancia até o cemiterio — umas quantas leguas — o caixão veiu sempre á mão. Mas não pezava nada. Tambem — pobrezinha! — que pecados podia ella ter?...

E quando foi a hora de o corpo cair na cova, que cada um atirou um punhado de terra, e que as crianças — quazi todas suas afilhadas — e as mulheres dezatarem num pranto de choro e até o coveiro se entreprou a tristado, aí vi mais de um gåncho colmilhudo manóteando nas lagrimas que dos olhos lhes caíam, grandes e claras, como as gotas dagua que caem do cartucho dos caetés...

Mezes depois o velho seguiu o mesmo caminho de nós todos: mas antes de morrer, engabelado por um padre gringo que appareceu aqui pelos pagos, lá fez uns papeis... e papeis foram que tudo o que era d'elle passou para missas e outros engrolios que ninguem sabia o que eram. Nem um tambeiro saíu para um afilhado!...

Os parentes meteram demanda... foi um arranca-rabo que durou anos...

E enquanto isso... vancê sabe o que é caza sem dono!...



O Binga... quem sabe lá o que foi feito d'elle, por esse mundo de Deus, tão grande !...

Cuê-pucha !.. Eu dezojava que elle apparecesse, só por cauza do padre gringo !... Que sumanta o guri lhe não havia de encostar !...

E... por Deus e um patação !... Eu dava as guascas e ainda ajudava a atar !...

Ora si não !...

"JUCA GUERRA" OU COMO DEVE VIVER E MORRER O GAÚCHO

Contos gauchescos, de João Simões Lopes Neto, funciona como uma espécie de decálogo, ou bíblia, do verdadeiro gaúcho, através de narrativas exemplares, que são como referências ao comportamento ideal daquele ser humano em sociedade.

Neste sentido, a obra se organiza num conjunto de narrativas duplamente enquadradas: o escritor João Simões apresenta ao leitor/ouvinte o personagem Blau Nunes e este, por sua vez, assumindo a palavra, narra e relembra acontecimentos pretéritos, por vezes emprestando voz aos personagens envolvidos naquelas ações. Observa-se que, neste sentido, a obra literária não corta seu vínculo com a narrativa oral original, de modo a transferir ao texto literário, mais formal e mais frio, a emocionalidade da narrativa primeira. O torneio da frase, assim, sem perder a característica da língua culta, permite-se licenças da entonação popular, sem que a mesma surja como uma externalidade ao texto, pois se trata da fala dos personagens que se colocam em situação de igualdade entre si e para com o narrador. O leitor, então, torna-se também ouvinte, o que dá uma dinâmica específica ao texto, prática que será retomada, por exemplo, décadas depois, pelo Guimarães Rosa de **Grande sertão: Veredas**¹, na medida em que cede a palavra ao narrador, Riobaldo Tatarana, que narra suas memórias e acontecimentos pretéritos, por ele vividos, ao ouvinte letrado, oriundo do mundo externo ao do narrador, mas que não se permite nenhum estranhamento quanto à linguagem oralizada e regionalizada utilizada por aquele narrador, na medida em que ele, ouvinte (e com ele, o leitor) adentram naquele outro universo e com ele acabam se identificando.

Blau Nunes é apresentado como o genuíno tipo *criollo riograndense*, o que nos coloca uma primeira questão: a significação deste termo, *criollo*: o escritor não se preocupa em explicitar tal significado. Mas, no correr das narrativas e, sobretudo, com a ajuda de um outro texto, presente em coletânea diversa, que é o das lendas, então ficamos sabendo ser Blau Nunes neto de uma índia. O *criollo* aqui referido, então, ganha o claro sentido de um mestiço, resultado da relação entre uma índia e um homem branco. O mesmo ocorre, por exemplo, com o personagem-chave do romance de Erico Veríssimo, a trilogia **O tempo e o vento**², quando o Capitão Rodrigo refere-se a si mesmo como *filho das macegas*. Ao mesmo tempo, na abertura da obra, temos um episódio exemplar de como ocorriam tais aproximações, quando a índia que foi estuprada está a dar à luz: pela narrativa pretérita que ali se apresenta, de passagem, sabe-se que a índia sofreu violência sexual de algum estrangeiro, de onde surgirá a figura de Pedro Missioneiro, de certo modo o *fundador* da gauchidade, segundo a mitológica e fundadora narrativa de Veríssimo.

Os dezenove textos reunidos em **Contos gauchescos** apresentam-se num conjunto vário, que assim se pode distinguir: **contos morais**, ou exemplares, que estabelecem os modelos de comportamento do gaúcho ideal, como "Trezentas onças", "Correr eguada", "Contrabandista", etc., até o explícito "Artigos de fé do gaúcho" que, então, ganha sentido em ter sido agregado a esta coletânea, sem parecer um material artificial e estranho ao conjunto. É que, assim lido, ele funciona como uma espécie de síntese das coisas que se havia narrado anteriormente; **contos de enredo**, ou contos de ação, em que se desenvolvem episódios isolados da vida cotidiana da região pampeana; às vezes, são simples anedotas ou *causos*, com o que se antecipa, de certo modo, o último trabalho do escritor, os **Causos do Romualdo**³, como "Deve um queijo" ou "O mate do João Cardoso"; por fim, temos os **contos históricos**: se, nos dois primeiros blocos, Blau Nunes funciona como narrador que testemunha os acontecimentos e os recorda, neste ele é o narrador mas também o agente. São exatos três textos, distribuídos aparentemente de maneira aleatória pelo livro mas que, se destacados e agrupados entre si, seguem rigorosa seqüência histórica: "O anjo da vitória", "Duelo de farrapos" e "Chasque do imperador".

"O anjo da vitória" refere-se à batalha de Ituzaingó, quando o Brasil, derrotado pelas forças nacionalistas uruguaias, será obrigado a reconhecer, na seqüência, a independência da antiga Colônia Cisplatina. Blau Nunes é um menino que acompanha um tio.

Morto o guerreiro, o menino salva-se, embrulhado nas dobras do poncho. A datação permite ter clareza quanto à idade e à nacionalidade do personagem narrador. Não bastara isso, a leitura do texto "Salamanca do Jarau", que se encontra no volume das **Lendas do sul**, dirime quaisquer dúvidas que se possa ter. Aliás, já me detive atentamente nesta questão, em trabalhos anteriores: sempre me causou curiosidade o fato de a coletânea de lendas constituir-se de 14 textos, mas só três deles terem sido desenvolvidos e explorados literariamente pelo escritor, diga-se de passagem, de maneira exemplar: "Mboitatá", "A salamanca do Jarau" e "Negrinho do pastoreio". Já mostrei que o *historiador* João Simões Lopes Neto teve este lampejo admirável de compreensão de que estes três textos, na verdade, poderiam funcionar como uma definitiva síntese da formação e da constituição da civilização sul-rio-grandense: "Mboitatá" é a transcrição literária de uma lenda indígena; "O negrinho do pastoreio" refere a presença africana em nosso território; e "A salamanca do Jarau" nos apresenta a admirável síntese da miscigenação entre a cultura árabe e ibérica, transladada para o território sul-americano, através de colonizadores espanhóis e portugueses, fossem eles os guerreiros, fossem eles os sacerdotes jesuítas. O texto está marcado por estas referências históricas, direta ou indiretamente apresentadas. Diga-se, também, de passagem, que "A salamanca do Jarau" é o único desses três textos escritos em primeira pessoa, dando-se a palavra e identificando-se o narrador, que é o mesmo Blau Nunes dos contos gauchescos. Os outros dois textos estão desenvolvidos em terceira pessoa, com um narrador onisciente, mas seletivo, o que o coloca como um narrador homodiegético. Blau Nunes refere, logo na abertura do texto, sua avó indígena, afirmando que isso tem a ver com uma tradição de cerca de duzentos anos. Ora, sabemos que as missões começaram a ser fundadas a partir de 1624, quando os jesuítas foram expulsos pelo bandeirante Raposo Tavares da região do Guará Mirim, hoje Mato Grosso. Os sacerdotes, fugindo em direção ao sul, pelo rio Paraná, em certa altura resolvem se re-estabelecer e re-fundar novas cidades em ambas as margens do rio. Assim, surgem os chamados Sete Povos das Missões, no território sul-rio-grandense, e outros 23 aldeamentos, em áreas hoje pertencentes ao Paraguai e à Argentina. Ora, o Jarau fica relativamente próximo a esta região, e os cálculos que fazemos nos mostram a cuidada, embora indireta reconstrução que o escritor faz. Na narrativa de Blau, ele, enquanto peão desempregado, dirige-se para aquela região mais distante, à procura de trabalho e assim, tem a oportunidade de conhecer/reviver a antiga lenda. Uma leitura atenta mostra-nos que os castigos infringidos ao sacristão pecaminoso adequam-se perfeitamente às torturas praticadas, ainda naquela época, pela Inquisição da Igreja Católica. Referenda-se, sobretudo, o cálculo de datação que propomos, pois pode-se imaginar que tais episódios ocorram a Blau Nunes num período entre a chamada Grande Revolução (a Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845) e a Guerra do Paraguai (de 1864 a 1870). Blau já seria um homem adulto. Perambulando pela província, à procura de emprego (a crise gerada pela revolução certamente levou-o a isso) chega a um território mais distante do que aquele da geografia do sul da província em que se situa Pelotas, a partir de onde se desenrola o conjunto principal de acontecimentos referidos pelos textos. Mas não se deve esquecer do alerta inicial do narrador:

Eu tenho cruzado o nosso estado em caprichoso ziguezague. Já senti as ardentias das areias desoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da lagoa Morim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai; tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá (...)

Com estes três textos do volume de contos, assim, Simões Lopes Neto, não apenas sintetiza a história do personagem Blau Nunes, quanto liga a sua experiência de vida a três acontecimentos fundamentais da história da província: as lutas cisplatinas; a revolução intestina e o envolvimento do Rio Grande com a guerra desenvolvida pelo império brasileiro. Neste sentido, Blau Nunes se coloca, com clareza, como uma espécie de símbolo do Rio Grande do Sul. Vítima ingênua no primeiro episódio; testemunha valiosa no segundo (a disputa entre Bento Gonçalves e Onofre Pires) e participante ativo no terceiro (enquanto chasque, isto é, mandatele, correio de confiança do imperador, quando este veio ao Rio Grande do Sul para assistir à rendição dos paraguaios, no cerco de Uruguaiana, tendo passado, dentre outras, pela localidade de Rio Pardo, que guarda ainda hoje as marcas de tal visita. Teria ocorrido ali o episódio referido por Blau Nunes?) De qualquer modo, alguns dos momentos mais significativos da história do território mais meridional do país e que, de certo modo, também defi-

Juca Guerra

— Vancê leu hontem no jornal aquelle cazo do sujeito que atirou-se á agua da beira da praia para salvar um fulano que estava-se afogando... quando no aperto chegou um boteiro que levantou os dois... não foi assim?... E o tal ainda ganhou uma medalha do governo, pela grande africa!...

Stá dire to, não digo que não, que afinal elle ao menos sempre se lembrou de acudir a uma criatura de Deus; mas, lá quanto á nombrada, hum!... nem por isso!

Olhe, mais, então, merecia o Juquinha Guerra.

Eu conto, conto; vá assuntando.

O Juca Guerra foi muito meu conhecido, desde guri. Já morreu, coitado, e morreu numa tristura...

Veja vancê!... Um gäücho daque'les... destoreido, bonzão!...

200 — Aquillo, era p'ra ficar na cox picado de espada, rachado de lanças, mas não p'ra morrer como foi, aperreado em cima da cama, o corpo bezuntado de unturas e a garganta entopida de melados e pózinhos dos doutores!...

Pobre de mim!... 'stou vendo que hei de morrer do mesmo geito, como um piza-flores da cidade, como bicho de galinheiro!...

Moreno, alto, delgado: olho preto; nariz de homem mandador; mãos e pés de moça; tinha força como quatro; bailarino, alegre, campeirão; e o coração devia ser-lhe mui grande, devia encher-lhe o peito todo, de bom que era.

Dessa feita houve rodeio na estancia do Pavão; a estancia era na costa de dois rios; e tem muitos albardões com mato, que eram a que-rencia da gadaria chucra. Mas, p'ra chegar lá, havia que atravessar um santafezal cerrado, tiririca, atoleiros, juncaes; um banhado brado; lá dentro é que a gadaria alçada vivia misturada com os galheiros e os capin-chos e os ratões.

A gritos, a tiro e a cachorro tinha-se conseguido tocar como umas p'ra mais de tres mil rezes.

201 — Nem lhe falô nas couzas divertidas do serviço, como rodadas, algum matungo riscado de aspa de brazino, as compadradas da peonada e outras que sempre alegam um campeiro.

E mal que cerrou o rodeio a gente mudou de cavalos, churrasqueou em pé mesmo e começou-se logo a apartar a tourada. E que torunas! Cada bicho pezado, criado na pura grama vermelha, ligeiros como gatos, e malévas, de acompanharem o laço, quazi cabresteando!...

Pois, foi um destes, que um moço chamado Tandão Lopes laçou... e iaçou mal, de meia espalda: o touro bufou, e depois do tirão já se lhe veiu em cima...

O moço estava mui bem montado; o pingo era de patas, poreu apenas rocim, mui cosquilhozo; os arreios já vinham mal e com o tirão a sincha correu toda p'r'as verilhas...

Virje' Mãi!...

O bagual agachou-se a velhaquear, e, p'ra peor ainda, em volta, enredando-se no laço, frouxo; o moço — ginetaço! — fechou as chilenas e meneou o rebenque, de chapu do lado, numa pabolajem temeraria, de guasca que só a Deus, respeita!

nem sua própria opção pelo pertencimento à nacionalidade brasileira, como relembra Mário de Andrade, muito tempo depois, são episódios os quais Blau Nunes testemunha e de que participa.

Como se sabe, o modelo mais imediato para a obra de Simões Lopes Neto seria a coletânea de Luís Araújo Filho (LAF), denominada **Recordações gaúchas** (1905), mas ao contrário desta, que é apenas uma coleção de histórias mais ou menos anedóticas, os relatos de Simões Lopes Neto se apresentam de maneira seletiva, cumprindo uma função bem mais ampla que a de simples lembranças. Este é o motivo pelo qual a obra literária de João Simões Lopes Neto vai bem além da perspectiva regionalista: é que, a partir dos elementos localistas ele alcança uma universalidade que por certo o outro escritor nem sequer almejou. A literatura do escritor pelotense exige uma dupla leitura, em camadas diferenciadas de significação, sendo a mais importante justamente aquela que projeta uma interpretação mais ampla e abrangente. Registre-se que os acontecimentos lembrados por Blau Nunes ocorrem num momento certamente anterior ao período da Grande Revolução, na medida em que ele refere, explicitamente, o fato de os campos serem ainda indivisos. Sabe-se que, após 1845, quando a administração da província é entregue ao então Duque de Caxias, uma de suas tarefas será justamente a de registrar as propriedades e definir suas divisórias, de modo a que o governo possa exercer a necessária cobrança de impostos e o controle contra o contrabando, tema, aliás, de uma das narrativas mais fortes da obra.

Mas ao contrário de Alcides Maya, seu contemporâneo, João Simões Lopes Neto não guarda nenhum tom saudosista dos tempos antigos, como o autor de **Ruínas vivas**, **Tapera** e **Alma bárbara**. Lopes Neto não idealiza o passado nem os seus tipos, e isso porque, ao contrário de Alcides Maya, encontra-se *junto* do espaço e sente-se ligado ao tempo relatado e lembrado: de certo modo, Blau Nunes é a *extensão* daquele tempo e daqueles lugares, que se encontram na sua própria *persona*.

É sob tal ótica que se pode ler o conto "Juca Guerra", de que devo me ocupar agora. Diz-se que o relato estaria vinculado a um fato real, ocorrido com o pai do escritor, envolvendo um tal de João Cunha, natural da região de Capão do Leão, em termos da geografia atual. Observe-se a introdução do texto: "O Juca Guerra foi muito meu conhecido, desde guri..." (p. 113) A frase cumpre dupla função: ela estabelece uma lembrança de passado distante e, ao mesmo tempo, de proximidade, mais, de intimidade entre o narrador e o personagem que centralizará a ação narrada. Mas, ao mesmo tempo, distancia-se de um relato autobiográfico.

Poderia ser catalogado como um conto de ação, mas, ao mesmo tempo, ganha sentido se for lido enquanto um conto moral, para o que colabora especialmente a introdução, que assim se desenrola: é a partir da leitura de um jornal que se evoca os acontecimentos pretéritos. Portanto, é a partir do espaço da cidade e tendo como referência o mundo ilustrado das letras – através de relato trazido nas páginas do periódico, talvez como um *fait divers* que o narrador se lembra do acontecido. E o relato servirá para traçar uma comparação entre o feito celebrado pelo periódico e aquele outro, anônimo, que se perdeu na poeira do tempo, embora, para o narrador e testemunha do acontecimento, seja aquele muito mais significativo do que este. O narrador sente-se especialmente provocado a lembrar o passado pelo fato de o *herói* contemporâneo ter sido agraciado com uma medalha, como reconhecimento de seu feito, enquanto o *herói* do passado não teve medalha alguma, satisfazendo-se, apenas, com o reconhecimento do patrão a quem salva a vida, ao colocar a sua própria em risco e, sobretudo, ao sacrificar seu cavalo para enfrentar o touro que se jogara sobre o homem caído ao chão, cavalo este que vem a morrer, graças às feridas provocadas pelo touro enfurecido. Esta marginalidade e esquecimento a que fica votado o personagem, contudo, também atinge ao próprio narrador: "Pobre de mim!... estou vendo que hei de morrer do mesmo jeito, como um pisa-flores da cidade, como bicho de galinheiro!..." (p. 113).

Em síntese, Tandão Lopes, o proprietário da estância e patrão, trabalha ao lado dos peões na marcação do gado. Aqui, temos, desde logo, a representação da pretendida democracia social que teria existido no cotidiano das propriedades sul-rio-grandenses. Num lance em que o homem tenta laçar uma rês, desequilibra-se e cai do cavalo, ficando, contudo, preso com o pé à sela, quando um touro dirige-se ao homem caído, com evidente risco de vida para o mesmo. É neste momento que o peão, com destemor, atravessa-se no caminho

do animal agressivo, colocando-se a si mesmo e a sua cavalgada do animal capazes de sustar o arremesso do animal. Salvo o homem caído, o peão ileso, descobre-se, contudo, que o animal que este montava tornou-se vítima do ataque e por isso deverá ser sacrificado. O conto relata, em detalhes, a maneira pela qual ambos os homens desdobram-se em atenções para o cavalo, até seu abate.

Num corte rápido, refere-se, então, a morte de Juca Guerra: numa cama de hospital, inerte, envolvido por mezinhas receitadas pelos médicos que tentam, em vão, salvá-lo, o que gera a observação final e valorativa do narrador: "morrer como foi, aperreado em cima da cama, o corpo besuntado de unturas e a garganta entupida de melados e pozinhos dos doutores" (p. 113), o que contrasta com o ideal de morte para um verdadeiro gaúcho: "Aquilo era prá ficar na coxilha, picado de espada, rachado de lanças" (p. 113). A figura de Juca Guerra fora antes introduzida mediante uma série de adjetivos que o qualificavam altamente como alguém valente, alegre e destemido: "Moreno, alto, delgado; olho preto; nariz de homem mandador; mãos e pés de moça; tinha força como quatro; bailarino, alegre, campeirão; e o coração devia ser-lhe mui grande, devia encher-lhe o peito todo, de bom que era" (ps. 113-114), em síntese, "gaúcho daqueles...destorcido, bonzão!" (p. 113). O próprio apelido, Juca Guerra, indica sua propensão à ação, sua vinculação a um grande destino.

Desenha-se, deste modo, a figura valente, mas disponível, do peão que, na agura do patrão, não titubeia em colocar em risco sua própria vida e, em última análise, sacrificar a própria cavalgada, para salvar o outro. Tendo-se em conta o valor moral que o gaúcho empresta ao cavalo, bem se pode adivinhar a decisão de Juca Guerra. Não obstante, não lhe caberá uma morte honrosa: não terá nem mesmo a sorte de ser acompanhado por amigos ou ser pranteado pelos mais próximos, como ocorrera com seu cavalo. Juca Guerra morre sozinho, às mãos dos médicos e das enfermeiras, numa cama, o que leva o narrador a indagar: "vancê assuntou bem no conto?" (p. 116). Ou seja: é como nos antigos contos infantis, de que sempre se deve extrair uma moral. Mas qual a lição a se tirar desta história, sobretudo se levamos em conta o apodo do personagem, Juca Guerra? Por certo, o narrador pretende mostrar que até mesmo o mais valente dos homens não decide sobre seu destino. Mais que isso, não há uma relação direta entre as (boas) ações praticadas em vida e o desfecho desta mesma vida: cavalo e guerreiro morrem, como ocorre com todos os vivos mas, bem ou mal, teve melhor sorte o animal que o ser humano. Valeu, aqui, mais que a medalha, a comprovação das relações igualitárias e de imanação que caracterizam a campanha e as lidas campeiras. É esta perspectiva moralizante que eleva os textos de João Simões Lopes Neto para além do simples texto regionalista, cuja característica seria a simples reprodução de peculiaridades locais, na perspectiva de Afrânio Coutinho, que continua, mostrando que, no regionalismo, o indivíduo é síntese do meio a que pertence; daí que interessa o geral, e não o particular; o local ao humano; o pitoresco ao psicológico, exatamente o contrário do que pratica João Simões Lopes Neto, cuja força do texto se origina exatamente da atenção que dá à individualidade, ao personagem, e não ao tipo. Se Juca Guerra pode ser generalizável, enquanto produto do meio, assim não ocorre necessariamente com seu comportamento e, sobretudo, com o enfoque a partir do qual se desenrola a narrativa: por isso se torna universal, porque seu comportamento ultrapassa o meio e o momento, para se colocar como modelo de humanidade.

No caso deste Juca Guerra, a passagem da morte do cavalo relembra outro episódio semelhante, este apresentado pelo romântico José de Alencar, de **O gaúcho**, quando João Canho prefere interromper a perseguição que enceta quando sua égua, esgotada, vai morrer. Mas esta passagem é episódica. A narrativa de Alencar prossegue em seguida, porque seu objetivo é outro. No caso do conto de Lopes Neto, a morte do cavalo, cercado pelos dois homens, opõe-se claramente à morte do próprio Juca Guerra, abandonado e solitário. É deste contraste, que constitui todo o nó do enredo da narrativa que nasce a perspectiva ética da mesma. Caberia a pergunta final: porque Juca Guerra era apenas um peão ou porque esta é a condição humana? O escritor silencia e, assim, cada um de nós poderá tirar suas próprias lições, o que torna o texto ainda mais rico em suas sugestões abertas para o leitor atento.

Antonio Hohlfeldt

Foi nesse apuro, que o touro carregou, e veio, de lingua de fóra, berrando surdo... e entreparado, baixou a cabeça, retezando o cogote largo e ia a levantar a guampada, quando, meio maneado no laço e ladeado por um sofrenação de pulso o bagual planchou-se... e o moço Tandão ficou também af caído, prezo pela perna, exposto, entregue... O touro recuou um pouco, escarvou, meio dansando, retezou os lagartos, numa furia de força e fez a menção...

A campeirada olhava, parada, vendo a desgraça vir...

Mas nisto, justo, justo quando o touro, balanceando no ar, pareceu dar o pulo da carga, o Juca Guerra esteve-lhe em cima! Em cima!

Foi como o trovão e logo o raio..., pois como um raio o gäucho carregou e atirou a montaria contra o touro!

Oigalé! Pecha a macóta!

O tostado arrebentou as duas paletas na encontrada e caiu, sacudindo a cola, os olhos chispando, de beicho enrugado e subido, de dor... Caiu, mas o touro, também.

E tanto que atirou o seu pingaço, de pechada feita — e certo de o escangalhar — contra o touro, escorregou pela garupa, e enquanto os dois brutos se batiam e enovelavam, o Juca já aliviava o companheiro, que apenas livre, pulou para o cupinudo, ainda meio azonzado do trompaço, manoteou-lhe nas aspas e torceu-lhe a cabeça, que cravou no chão, num pronto! O bicho patalcava, puchando a respiração forte, que ondulava, no arredondado da barriga.

Aquelles, sim, eram dois torcnas que se valiam!

Só então é que os velores acudiram... mas foi para aguentarem uma tirana de sotrêtas! comedores de

carne! máu as! vazilhas! capões!... e outros rebençaços de lingua, dessezes que a gente esparrama quando está de marca quente...

E no meio daquelle bolo de campeiros, sobre as macegas pizadas, ao lado do touro arquejando e do cavalo gemente, os dois homens se abraçaram e beijaram-se, chamando-se irmãos; e assim juntos chegaram-se para o cavalo tostado, quebrado dos encontros... fizeram-lhe umas festas de puro mimo e tristeza... e enquanto o Juca, com a sua propria mão saagrava o seu confiança, o moço Tandão abraçava a cabeça inteligente do fiete... Correu o sangue, em borbotão; e quando, esvaído, o tostado afrouxou a força e a respiração e o garbo, e foi descaído e ia a tombar, de vez, os dois amigos, lado a lado, ampararam-lhe a cabeça... e devagarzinho, como si fosse uma criança dormilona, deitaram-na brandamente sobre os capins, — p'r'o cazo — sobre um pé de malmequer branco, ramalhudo, que florejava ali, como num propozito.

Coitado do fiete!

Mas como deixal-o viver, assim, arrebentado? Para vel-o morrer de dores, inchado, com fome e com sede... e antes disso serem-lhe os olhos vazados pelos urubús... e os buracos delles, ainda vivos, virarem toca das varejas?... Não! Um gäucho de alma não abandona assim o seu cavalo: antes mata-o, como amigo que não emporcalha o seu amigo!

Vancê assuntou bem no conto?

Ora, agora, vamos ao fim; o que merecia, de premio, o Juca Guerra?

Qual o mais valente? o tal fulano, da beira da praia, ou este da beira... da morte certa?

RELÍQUIAS

Talvez este seja um título que se aproxime da ideia presente no conto *Artigos de fé do gaúcho*, de João Simões Lopes Neto, conto – com todas as problemáticas que se inserem na sua definição, especialmente por se tratarem de conselhos oriundos de uma realidade campeira gaúcha – que traz a noção de vínculo com algo sagrado de uma cultura que não é possível mais ser tocada em sua integralidade, apenas em lampejos de um passado. A relíquia religiosa opera no mesmo sentido. Tenta aproximar uma visão de mundo, um conhecimento distante de uma materialidade palpável. Claro que essa valorização também traz o já conhecido problema da mitificação do gaúcho, de valores historicamente situados para uma noção de atemporalidade e universalidade que antes de buscar a compreensão daquele tipo humano acaba por legitimá-la em uma plenitude inquestionável.

A palestra da professora Márcia Ivana de Lima e Silva, realizada no Instituto João Simões Lopes Neto por ocasião do evento comemorativo do centenário dos Contos Gauchescos, abordou este conto não como um “conto menor”, mas sim como uma produção importante, na qual se vislumbram possibilidades de leituras e reflexões pouco exploradas pela crítica literária. Dentre essas possibilidades de leitura, a mais relevante é a aproximação com um tempo em transição, que já se faz estranho para os contemporâneos de João Simões Lopes Neto nas primeiras décadas do século XX. Pensar em uma transição, em um limiar cultural, é postura necessária para que não sejam apenas exaltados aspectos folclóricos ou regionalistas e menos ainda posturas tradicionalistas a partir dessa narrativa. Os conselhos dados pelo velho Blau Nunes estão vinculados a um outro tempo e, como tais, devem ser vistos como um caminho contrário, isto é, não como ditames para o trilhar novos rumos, mas sim como retrospectiva de um passado que é tão distante e ao mesmo tempo tão próximo.

Distância da forma de pensar e agir daqueles homens, estranhamento para com a forma de encarar o mundo e se movimentar dentro de suas inconsistências, ao ponto de não ser possível perceber com facilidade se a sabedoria ali contida são metáforas ou saberes práticos. Proximidade por meio de uma ligação cultural e familiar que as novas gerações nem percebem o porquê, nem entendem exatamente como isso ocorre. Armadilhas de um modelo conservador, autoritário e patriarcal? Certamente que sim, mas não somente isso! Os saberes, os provérbios, alertam para um tempo em que o conhecimento sem força não era sinônimo de poder e que a força, por si só, acabava por se tornar vazia de significado ao não apresentar formas de convívio e de trânsito entre os homens.

O primeiro ponto a ser destacado é a experiência dos antepassados. O conflito com a cultura livresca é criticado mais no sentido de valorizar aquilo que se pretende afirmar como importante do que propriamente desprezar o saber institucionalizado. É salientado no conto que “Muita gente anda no

mundo sem saber pra quê: vivem porque veem os outros viverem” enquanto que outros, como Blau Nunes, “aprendem à sua custa, quase sempre já tarde para um proveito melhor”. Trata-se de uma experiência que decorre das vivências, de uma imersão que impede um distanciamento suficiente para o proveito mencionado. A sobrevivência decorre desse processo de vivenciar a realidade circundante, dela tirando o sucesso imediato. A preocupação em criar um manual – uma “livreta” – enfatiza também esse rito de passagem de uma era para outra, caracterizando o argumento de João Simões Lopes Neto de reconhecer, dentro das contradições e idiossincrasias, certos saberes que transportam o leitor contemporâneo para um outro mundo.

Vinte e um conselhos, vinte e um saberes, vinte e uma formas de conduta são apresentadas. Passam pelo trabalho campeiro, envolvem a relação com um ambiente selvagem que se personifica no trato social (devido destaque ao papel destinado às mulheres, de total submissão ou mesmo de objeto de conquista e de manutenção da posse, ampliando o conceito de doma para os seres humanos). E esses ditados – sim, porque acabaram por se inserir na cultura de uma forma que são apropriados em várias situações – podem ser lidos em sua versão literal, pois acabam por inserir o homem (o gaúcho) em um processo de identificação no qual as atitudes espelhadas naqueles comportamentos o ligam definitivamente àquela realidade; bem como de forma figurada para transcender o momento e abarcar outros tempos e situações.

O conto pode ser entendido, dessa forma, tanto como os provérbios de uma “sabedoria campeira” – aproximando da perspectiva benjaminiana acerca do narrador como um sábio, sendo relevada a questão do conservadorismo e da perspectiva de uma sociedade patriarcal do século XIX – quanto como visões acerca de uma realidade decadente. Essa contradição não é apresentada com o intuito de optar por uma delas, mas antes pensar nesse entrecruzamento, nesse universo novo que se descortina a partir das leituras sem pressa, das desleitura e releitura, com a urgência desses momentos, visto que “A maior pressa é a que se faz devagar”.

Uma dessas leituras foi realizada por Erico Verissimo que incorporou na obra *O Tempo e o Vento* o seu Blau Nunes. A personagem Fandango possui vários pontos em comum com a personagem simoneana. Ambos passam pelo século XIX e adquirem os saberes nos cenários das guerras e das lides campeiras. Os ainda meninos Blau Nunes e Fandango participam das batalhas e chegam à idade avançada como sobreviventes antes de mais nada. Suas vitórias são a liberdade das palavras que transmitem sem pudor e sem receio de objeções ou deprecições, se expondo e confrontando os saberes que os diminuem perante as suas próprias histórias.

Se o sábio Blau Nunes comunica a um leitor – personificado na figura que ouve e anota os conselhos – que esteja disponível, o interlocutor de Fandango é o seu “aluno” Licurgo Cambará. O neto do capitão Rodrigo herda todo um universo vinculado à história da família e também se insere nas suas próprias contendas. Licurgo via, dessa forma, a necessidade de aprender o que Fandango tinha a ensinar. A construção dessa personagem, pelo fato de Erico Verissimo apresentar um narrador em terceira

Artigos de fé do gaúcho

Muita gente anda no mundo sem saber p'ra que : vivem, porque vêm os outros viverem.

Alguns aprendem á sua custa, quazi sempre já tarde p'ra um proveito melhor. Eu sou desses.

P'ra não succeder assim a vancê, eu vou ensinar-lhe o que os doutores nunca ham de ensinar-lhe por mais que queimem as pestanas deletreando nos seus livrões. Vancê note na sua livreta :

- 1° Não cries guácho ; mas cria perto do teu olhar o potrilho p'ro teu andar.
- 2° Doma tu mesmo o teu bagual : não enfrenes na lua nova, que fica babão ; não arrendes na mingoante, que te sai lerdo.
- 3° Não guacisquees sem precizão nem grites sem ocasião : e sempre que puderes passa-lhe a mão.
- 4° Si és maturrango e chasque de namorado, mancas o teu cavalo, mas chegas: si fores chasque de vida ou morte, matas o teu cavalo e talvez não chegues.
- 5° A maior préssa é a que se faz de vagar.
- 6° Si tens viajada larga não faças pular o teu cavalo ; sai ao tranco até o primeiro suor secar ; depois ao trote até o segundo ; da-lhe um alce sem terceiro e terás cavalo para o dia inteiro.
- 7° Si queres engordar o teu cavalo tira-lhe um pêlo da testa todas as vezes da ração.
- 8° Fala ao teu cavalo como si fosse

á gente.

- 9° Não te fies em tobiano, nem bragado, nem melado ; p'ra agua, tordilho ; p'ra muito, tapado ; mas p'ra tudo, tostado.
- 10° Si topares um andante com os arreios ás costas, pergunta-lhe — onde ficou o baio ?...
- 11° Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar.
- 12° Mulher, de bom genio ; faca, de bom corte ; cavalo, de boa boca ; onça, de bom pezo.
- 13° Mulher sardenta e cavalo passarinheiro... alerta, companheiro !...
- 14° Si correres eguada chucra, grita ; mas com os homens, aprezilha a lingua.
- 15° Quando dois brincam de mão, o diabo cospe vermelho...
- 16° Cavalo de olho de porco, cachorro calado e homem de fala fina... sempre de relancina...
- 17° Não te apotres, que domadores não faltam...
- 18° Na guerra não ha esse que nunca ouviu as esporas cantarem de grilo...
- 19° Teima, mas não apostes ; recebe, e depois assenta ; assenta, e depois paga...
- 20° Quando 'stiveres p'ra embrabeecer, conta tres vezes os botões da tua roupa...
- 21° Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos ; quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver...

pessoa, acaba sendo apresentada de forma mais completa ao leitor. E é exatamente nessas complementações que é possível perceber a leitura de Erico sobre Blau Nunes, algumas vezes depreciativa, mas apenas para enfatizar ainda mais o distanciamento da cultura erudita daquela popular e empírica da qual era fruto:

Fandango achava que o conhecimento da Aritmética não fazia nenhuma falta às pessoas. Tinha uma teoria própria sobre as quatro operações. "O homem trabalhador – dizia ele, piscando o olho – soma; o preguiçoso diminui; o sábio multiplica e só o bobo divide." Nunca frequentara escola, e no entanto era capaz de, numa passado d'olhos, dizer quantas cabeças de gado havia numa tropa. Geografia? Fandango tinha toda a geografia da Província na cabeça. Desde meninote vivia viajando, conduzindo carretas, fazendo tropas, e não havia cafundó do Rio Grande que ele não conhecesse tão bem quanto as palmas de suas próprias mãos. Sabia onde ficavam as aguadas, onde os rios davam vau, onde havia melhor pasto ou melhor pouso. Parecia não existir em todo o território do Continente rancho, estância, povoado, vila ou cidade onde ele não tivesse um conhecido. "Até as árvores e os bichos me conhecem por onde passo" - gabava-se ele. Certa vez no galpão, meio por caçoada e meio a sério, um peão lhe perguntou: - Por onde é que a gente sai pra ir pra tal de Europa? Fandango olhou primeiro para a direita, depois para a esquerda, fechou um olho, ergueu o braço na direção do norte e disse com ar de entendedor: - Sai-se aqui direito por Passo Fundo.

Erico Verissimo também apresenta uma forma de leitura para aqueles saberes enigmáticos, aquelas expressões que fogem ao entendimento, como é o caso de um ditado que "Fandango repetia com frequência no inverno: 'Geada na lama, chuva na cama'. Um dia Curgo perguntou: - Por que 'na cama', Fandango? - Pra rimar, hombre." Ou ainda: "- A pedra grande faz sombra, mas a sombra não pesa nada. Um dia o rapaz perguntou: - Que é que quer dizer isso? - Quando vassuncê for mais velho vai compreender sem ninguém explicar. Agora é mui temprano." Essa explicação remetendo à maturidade impõe que a visão de mundo nem sempre se expõe abertamente, cada momento possui a sua sagacidade e mistério, cabendo ao acúmulo de experiências dar significado e não apenas retirar o sentido do que é falado/narrado. Também não é sem intenção que Fandango gostava de recitar os versos que continham uma espécie de carta de apresentação do que considerava fundamental para sua identidade. Esses versos estão presentes na obra do Cancioneiro guasca, de João Simões Lopes Neto, o que relaciona ainda mais diretamente Fandango com o cenário gaúcho construído na narrativa de Simões Lopes:

Índio velho sem governo

Minha lei é o coração.

Quando me pisam no poncho

Descasco logo o facão,

E se duvidam perguntem

À moçada do rincão.

A partir desse momento, na obra de Erico Verissimo, começa uma sequência dos saberes do Fandango. Alguns não presentes no conto *Artigos de fé do gaúcho*, mas outros reproduzidos da mesma forma, tais como:

Se encontrares um viajante na estrada com os arreios nas costas, pergunta logo: "Onde ficou o baio?" (10°)

"Se tens pela frente viagem larga, não faças pular teu ca'alo. Sai no tranquito até o primeiro suor secar; depois ao trote até o segundo; da-lhe um alce no terceiro e terás ca'alo pro dia inteiro." (6°)

Não te fies em tobiano, bragado ou melado. Pra água, tordilho. Pra muito, tapado. Pra tudo, tostado. (9°)

Doma tu mesmo o teu bagual. Não enfrenes em lua nova, que ele fica babão. Não arreies na minguante, que te sai lerdo" (2°)

"Cria perto do teu olhar a potranca do teu andar" (1°)

- Com mulher sardenta e cavalo passarinho - prevenia também - alerta, companheiro! (13°)

"Mulher, arma e cavalo de andar - lembravam elas - nada de emprestar" (11°)

Outros artigos de fé estão diluídos na narrativa de Erico Verissimo, como é o caso do 8° ("Fala ao teu cavalo como se fosse a gente") que, nas palavras de Fandango, ficou da seguinte forma: "- Mas Ca'alo é como gente. Uma pessoa tem seus dias bons e seus dias ruins, não tem? Pois com o ca'alo se dá o mesmo. Tudo é bom e tudo não presta."

De fato, a sabedoria de Blau Nunes e de Fandango poderiam completar vários tomos; e sempre em construção. Deste pequeno conto de João Simões Lopes Neto, foi possível a Erico Verissimo criar um universo dentro da sua narrativa que abrange a história do Rio Grande do Sul, um universo complementar, fundamental para evidenciar as peculiaridades da formação cultural do gaúcho. Enfim, por ser esta cultura tão rica quanto complexa e contraditória, é necessário apontar o lápis para continuar um pouco mais...

João Luis Pereira Ourique

11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Que foi ?...

Ah ! quebrou-se a ponta do lapis ?

Amanhã vançê escreve o resto :

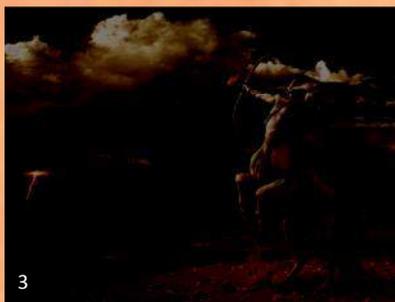
olhe que dá para encher um par de
tarcas !...

SAGA E SINA

O conto *Batendo orelha*, que encerra a publicação de 1912¹, realiza uma aproximação entre homem e animal em um percurso de mazelas e sofrimentos ao longo da vida de ambas as personagens. Essa aproximação ocorre nos encontros e desencontros dos seus trilhares, evidenciando uma épica negativa, ou melhor dizendo, uma sucessão de eventos tão comuns quanto a insignificância dos próprios seres. O caráter mítico do gaúcho não se faz presente nessa narrativa de forma direta, mas podemos abordá-lo a partir da imagem do centauro – que ficou ligada de forma definitiva ao tipo humano do gaúcho em sua relação com o cavalo – e em como esta imagem oportuniza uma leitura do conto que não sustenta as visões positivas e românticas sobre o gaúcho. Percebemos, assim, o contexto específico da formação cultural gaúcha pela desestruturação e não pela afirmação.

A saga, que é um gênero em prosa, de caráter épico, que nomeia as antigas narrativas e lendas escandinavas, é reeditada como uma epopeia da desumanização. A ideia de desumano abrange essa indissociabilidade entre homem e cavalo, visando dar um tom de desconforto ainda maior ao comum da degradação, pois não desejamos – e nos solidarizamos igualmente com – o destino e o sofrimento do animal. A sina, por sua vez, que acompanha os passos de cada um, pode ser compreendida como um fardo que partilhamos como sociedade e que não percebemos no cotidiano, conforme nos é apresentado no final do conto: “O engraçado é que há gente que se julga muito superior aos reíunos: e sabe lá quanto reíuno inveja a sorte da gente...”²

Dentre algumas imagens que tornam tão familiar o mesmo compasso do percurso de homem e animal, podemos apresentar a figura do gaúcho e do centauro, nas quais evidenciamos uma fusão entre os dois seres:

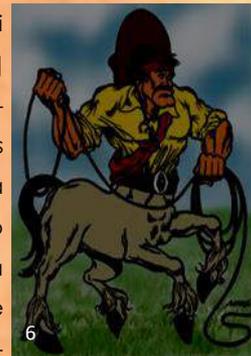


3



4

Culturalmente, essa denominação de *centauro dos pampas*⁴ se enraizou no imaginário de uma sociedade que a vê como representação de si mesma. A ideia de um poder [quase] sobrenatural, de uma definição simbólica que coloca o indivíduo acima dos demais, é muito sedutora e marca uma supervalorização de si. Mesmo quando essas visões parecem estar distantes, a retomada das ideias primordiais que sustentaram sua construção e vinculação às identidades culturais do gaúcho acabam por estabelecer uma conexão, uma articulação que não precisa ser explicada.



6

E se pudéssemos fazer um raio X desse centauro, se fosse possível que essa criatura de fato existisse na sua condição biológica e não apenas simbólica? Uma interessante possibilidade de imaginarmos a partir da nossa perspectiva é uma imagem de uma exposição do *International Wildlife Museum* que apresentava esqueletos de seres mitológicos, dentre eles, o centauro. Esse olhar que desperta a curiosidade, pensando no cenário da cultura gaúcha, nos remete mais diretamente ao imaginário de nos vermos estranhamente representados. E é aqui nesse ponto que podemos destacar a separação desse ser, da sua percepção de individualidade e de pobreza que cercam homem e animal, gaúcho e cavalo, no conto de João Simões Lopes Neto. Não há um lamento no conto sobre uma perda histórica de toda a sociedade e buscando culpados e respostas para essa mazelas, como ocorre na trilogia do gaúcho a pé, de Cyro Martins, mas sim uma história e um percurso que fecha um ciclo. O progresso não é o vilão que empurra o tipo humano para as cidades e nem são os novos valores culturais que esquecem a ciência e os saberes do gaúcho. O que está em jogo, nesse conto, é um olhar melancólico sobre o momento histórico vivido, um sentimento de perda que é representado pelo homem e pelo animal e enfatizado pelo potencial de ambos: “Nasceu o potrilho, lindo e gordo, filho de égua boa leiteira, crioula de campo de lei. * O guri era mimoso, dormindo em cama limpa e comendo em mesa farta”⁸

O que torna o conto impressionante é a sincronia nos passos do guri e do potrilho. A infância é apresentada como uma ruptura: para o potro, a marca de ferro em brasa;

Batendo orelha!...

Naceu o potrilho, lindo e gordo, filho de egua boa leiteira. crioula de campo de lei.

O guri era mimozo, dormindo em cama limpa e comendo em meza farta.

Ja de sobre-ano fizeram uma recolhida grande, sentaram-lhe uns piolos, apertaram-no pelas orelhas e pela cola e a marca em braza chiou-lhe na picanba.

Andaria nos oito anos quando meteram-lhe nas mãos a cartilha das letras e o mestre réjio começou a inchar-lhe as unhas, de palmatoadas.

210 O potrilho couceou, na marca. O menino meteu fios de cabelo nos olhos da santa luzia...

Em potranco acompanhava a manada e retouçava com as potrancas, sem mal nenhum.

O rapazinho rezava o terço e brincava de esconder com as meninas... o que custou-lhe uma sapeca de vara de marmeleiro.

Quando o potrilho foi-se enfeitando para repontar, o pastor velho meteu-lhe os cascos e mais, a dente, botou-o campo fóra : fosse rufiar lá lonje !...

O gurizote, já taludo, quiz passar-se de mais com uma prima...: o tio deu-lhe um chá de casca de vaca, que saiu cinza e fedeu a rato !...

O potro andava corrido, farejando... Mas nem uma petiça arrastadeira dagua e poronguda, achou, para consolo da vida. Té que o caparam.

O mocito, que era pimpão, foi mandado encorporar. Sentaram-lhe a farda no lombo.

211 Mal sarou da ferida o potro foi pegado : corcoveou, berrou ; quebraram-lhe a boca a tirões, dividiram-lhe a barriga com a sincha ; quiz planchar-se, e lanharam-lhe as verilhas a rebenque e as paletas a rozeta de espora. Tiraram-lhe as cocegas. Ficou redomão.

O recruta marcou passo, horas, p'ra aprender ; entrou na forma ; aguentou descomposturas ; deu umas bofetadas num cabo e gurniu solitaria e guarda dobrada, por quinze dias. Cortaram-lhe o cabelo á escovinha e ficou apontado. Era o fachineiro do esquadrão.

Houve uns apuros de precisão.. O rocim foi vendido em lote, para o rejimento.

Tocou a reunir : era uma ordem de marcha, urgente. O fachineiro recebeu lança, espadão e tercerola.

Quando a cavahada chegou o primeiro serviço dos sarjentos foi assinalar os novos ; era simples e ligeiro: um talho de faca na orelha, rachando-a. Bagual assim, virava reiúno.

para o guri, a palmatória. O momento em que os hormônios de ambos afloram na busca pela parceira culmina com a castração literal do potro e a simbólica do rapaz, representada pela incorporação no regimento de cavalaria. As dificuldades de adaptação de ambos enfatizam suas discrepâncias com o modelo de sociedade em que estão inseridos. No caso, obviamente, o rapaz se volta para uma noção de liberdade selvagem que o potro tem como instinto, o que torna mais clara a insubordinação e insubmissão do jovem soldado às regras da caserna.

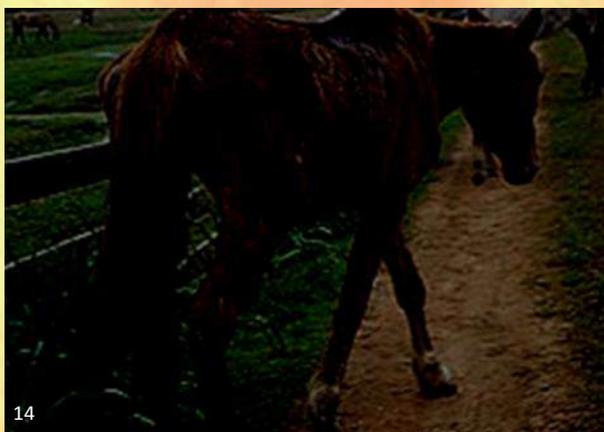
O único diálogo – se podemos chamar dessa forma – é o que antecede o encontro do jovem com o cavalo: “- Chê! Enfrena!... Foi o reiúno que caiu pro recruta.”⁹. O próprio conto apresenta uma marca (um travessão) para enfatizar essa mudança (antes as ações de um e outro eram separadas por um asterisco [*] que é retomado quando da separação dos “dois parecidos, o bicho e o homem. E a sorte levou os dois, de parceria, pelo tempo adiante.”¹⁰. A separação entre eles tem o interessante aspecto de uma retomada de um dos artigos de fé de forma indireta: “Fala ao teu cavalo como se fosse a gente”¹¹. O cavalo não merece nenhuma consideração, ou seja, ele não tem nenhum reconhecimento, situação enfatizada na falta de agradecimento aos serviços prestados pelo animal: “O fiscal do regimento, sem uma palavra de – Deus te pague – mandou vendê-lo em leilão, como um cisco da estrebaria.”¹². O rapaz não teve melhor sorte e nem maior consideração. Doente, sem família ou profissão, “saiu com cinco patacas, de resto do soldo, e sem o capote.”¹³.

Puxar carroça e trabalhar em subempregos foi o destino do cavalo e do rapaz. A separação – a impossibilidade de se completarem – simboliza a degradação. Não somente deles, mas estabelece uma crítica social que é tão simples de ser lida quanto complexa de ser abordada sem o romantismo de uma exaltação de um tempo que era melhor.

João Simões Lopes Neto não incorre nessa armadilha ao realizar sua crítica, visto que não é um problema de transformação histórica, mas antes uma postura da própria visão de mundo da qual o gaúcho faz parte. Os cenários e os caminhos da dupla estão vinculados ao meio conhecido, à própria identidade do gaúcho e não a um inimigo externo, como é o caso da cidade e do progresso. Ser possível para nós percebermos um certo saudosismo não impede a inserção em uma realidade que não era uma democracia rural, mas antes uma socie-

dade construída a partir da força e da sujeição do outro... a eles sobrou o lado mais fraco da corda.

Vistos em suas individualidades, em suas fraquezas (pois quando estavam juntos conseguiram ao menos suportar as adversidades), não há como negar-lhes um olhar de solidariedade. A imagem de um animal abandonado nos cho-

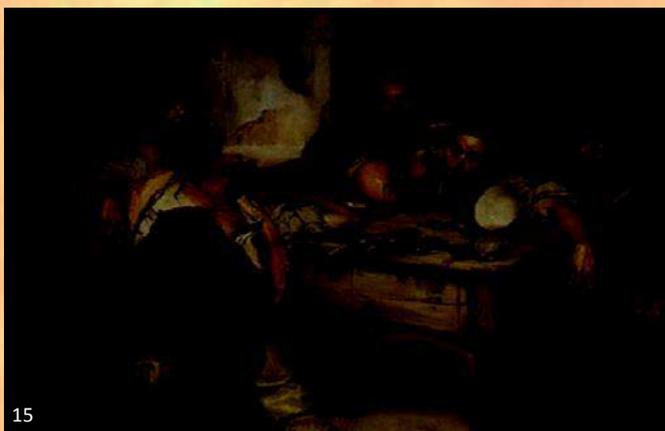


Para representar o rapaz, uma fotografia de um mendigo ou de um morador de rua acabaria por se tornar um exercício banal e uma tentativa empobrecida de reproduzir a desgraça humana. A arte nesse ponto pode nos oferecer algo para refletirmos. Optamos, portanto, pela pintura de José Malhoa, *Os bêbados*, de 1907.

Também chamada de *Festejando o S. Martinho*, o quadro revela uma identificação emblemática pelo fato de

podermos imaginar a narrativa simoneana a partir desta cena – ou mesmo complementar as lacunas do conto com a imagem – no momento em que o “carregador pegou a traguear” e nos inserindo na expectativa do que viria a seguir: “A polícia uma noite prendeu o borrachão, que resistiu, entonado; apanhou estouros... e foi para o hospital, golfando sangue; e esticou o molambo.”¹⁶. Assim, na temática da bebedeira, João Simões Lopes Neto consegue dialogar com a situação de desagregação naturalista/realista presente na obra de José Malhoa, oportunizando também uma visão crítica sobre um mesmo contexto histórico.

Além dessas reflexões sobre o contexto histórico e a forma como a crítica social e a representação do tipo humano do gaúcho nos **Contos Gauchescos** encontra seu



desfecho, também devemos refletir sobre esse último conto em sua articulação com a apresentação. Todos os demais contos possuem alguma expressão em primeira pessoa – em vários momentos uma linguagem fática a que recorre o personagem narrador – que situa o contador de histórias no seu lugar perante o *leitor/ouvinte*. Seguem alguns desses exemplos: “Eu tropeava, nesse tempo.” (*Trezentas onças*); “Escuite,” (*O negro Bonifácio*); “- Está vendo aquele umbu, lá embaixo, à direita do coxilhão?” (*No manantial*); “- A la fresca!... que demorou a tal fritada! Vancê reparou?” (*O mate do João Cardoso*); “E, por falar nisto:” (*Deve um queijo!...*); “Conte vancê as maldades que nós fazemos...” (*O boi velho*); “Se vancê fosse daquele tempo” (*Correr eguada*); “... andei muito por esses meios” (*Chasque do imperador*); “- Vancê sabe que eu tive e me servi muito tempo dum buçalete e cabresto feitos de cabelo de mulher?...” (*Os cabelos da china*); “- Vancê para um bocadinho” (*Melancia – Coco verde*); “Vancê não sabe o que é Inhatium?” (*O anjo da vitória*); “Aqui há poucos anos – coitado! - pousei no arranchamento dele.” (*Contrabandista*); “Pois olhe: eu já vi jogar uma mulher num tiro de taba.” (*Jogo do osso*); “Já um ror de vezes tenho dito – e provo” (*Duelo de farrapos*); “Conheci, sim, senhor, o Binga Cruz” (*Penar de velhos*); “Vancê leu ontem no jornal...” (*Juca Guerra*); “Vancê anote na sua livreta:” (*Artigos de fé do gaúcho*).

Ao não encontrarmos as mesmas expressões em *Batendo orelha*, perguntamos: quem narra esse conto? Será o mesmo escritor/narrador que apresenta o velho Blau, dirigindo-se aos seus patrícios? Será aquele o próprio João Simões Lopes Neto procurando estar presente na abertura do seu livro de contos? A questão do autor é problemática do ponto de vista teórico, mas serve como provocação, visto que vislumbramos ali um personagem narrador que não se apresenta e que pode não ser Blau Nunes. Esse apresentador do narrador principal também não pode simplesmente ser colocado como narrador do último conto. Cabe, então, avançar e pensar se esta instância narrativa não se propõe a uma linguagem mais coletiva, uma narração de toda uma cultura.

Encontramos uma mescla de linguagem entre a apresentação (“PATRÍCIO, apresento-te Blau, o vaqueano.”¹⁷) e os demais contos (com palavras como *vancê* e *escuite*¹⁸) na composição do conto *Batendo orelha* (“Aí se juntaram os dois parecidos, o bicho e o homem.”¹⁹), visto que ambos dominam a linguagem do campeiro, conhecem os termos e expressões próprias da região e, ainda que marcadas as suas individualidades, se somam – o narrador que apresenta Blau Nunes e o próprio Blau – para narrarem o percurso do homem e do cavalo em seus destinos que, na nossa visão, poderiam ser evitados

pela mesma sociedade que os segregou e puniu. Esse último conto pode ser narrado pelo primeiro narrador, pelo Blau Nunes ou por uma terceira instância narrativa... talvez aquela mesma instância que aprendeu um pouco com essas histórias e pode adentrar esse universo sem pedir permissão.

João Luis Pereira Ourique

— A policia uma noite prendeu o
borrachão, que resistiu, entonado ;
— apanhou estouros... e foi para o hos-
pital, golfando sangue ; e esticou o
molambo.

O engraçado é que ha gente que
se julga muito superior aos reiunos ;
e sabe lá quanto reiuno inveja a sor-
te da gente...